

O Educador como Prático Reflexivo

Marta Marques, Cláudia Oliveira, Vera Santos, Rute Pinho, Ivone Neves e Ana Pinheiro
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

marta__marques23@hotmail.com; claudiaoliveira@esepf.pt; veradsantos@gmail.com;
rutepinho@esepf.pt; ivone@esepf.pt; anapinho@esepf.pt

Palavras-Chave: Portfólio Reflexivo; Educador Reflexivo; Práticas Reflexivas; Supervisor Institucional.

Resumo

De forma a contribuir para a partilha de experiências no âmbito da avaliação dos estágios profissionalizantes, e promovendo o desenvolvimento de estratégias inovadoras para os cursos de ensino, pretende-se com este artigo abordar a visão do aluno-estagiário sobre a sua prática e o seu processo formativo em geral. A apresentação de registos de algumas reflexões retiradas dos portfólios reflexivos, construídos pelos alunos, reveste-se de importância, não só para os mais diversos cursos de ensino mas, igualmente, como um exemplo para os profissionais que pretendem reflectir sobre a sua prática. Assim, desenvolvemos, inicialmente, uma abordagem teórica relativa à importância da reflexão na prática pedagógica do Educador de Infância, neste caso em particular, do estagiário finalista. Neste contexto, procedemos a uma selecção das reflexões mais significativas desenvolvidas por um grupo de alunas ao longo do estágio profissionalizante do curso em Educação de Infância no ano lectivo de 2006/07. Neste artigo pretendemos suscitar uma reflexão sobre as práticas educativas junto dos profissionais de educação.

Introdução

O processo formativo dos alunos do estágio profissionalizante do curso em Educação de Infância da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (ESEPF), tem vindo a ser objecto de uma constante preocupação.

Dois aspectos, entre outros, são trabalhados de forma particular: a qualidade do processo supervisivo, nomeadamente no que diz respeito ao papel do supervisor institucional (da instituição de formação inicial) e os instrumentos de avaliação utilizados. Quanto ao primeiro aspecto, a Escola tem vindo a primar por um rácio de excelência entre professores e alunos, já que cada supervisor de estágio da ESEPF dá um atendimento personalizado a cerca de sete estagiários em média. Este atendimento concretiza-se através de um apoio presencial com visitas semanais às instituições cooperantes e ainda com uma vertente à distância através de um Sistema de Gestão de Aprendizagem na Internet (Pinheiro, 2005).

Quanto aos instrumentos de avaliação utilizados, a ESEPF promove a utilização dos portfólios reflexivos como instrumento construtor do saber por parte dos alunos e revelador das suas competências pessoais e profissionais.

O portfólio representa um instrumento fundamental no percurso de desenvolvimento pessoal e profissional dos formandos, de documentação das práticas reflexivas, de suporte das reflexões que acontecem antes, durante e depois da acção, quer ao nível da reflexão entre pares, quer mesmo no processo de auto-reflexão

Foi no ano lectivo de 2003/04 que este foi implementado, substituindo o tradicional dossier de estágio. A construção de um portfólio reflexivo passou a fazer parte do processo formativo e avaliativo de todos os alunos finalistas do curso em Educação de Infância, conforme a investigação desenvolvida por Ivone Neves (2005), sendo claramente determinante o papel do supervisor institucional.

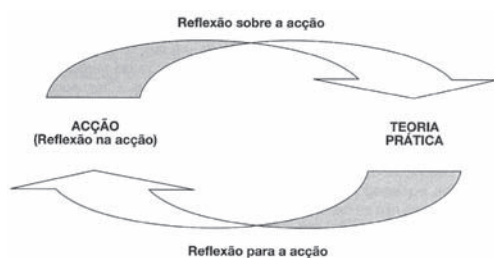
De forma a contribuir para a partilha de experiências no âmbito da avaliação dos estágios profissionalizantes, e promovendo o desenvolvimento de estratégias inovadoras para os cursos de ensino, pretende-se, com este artigo, abordar a visão do aluno-estagiário sobre a sua prática.

Assim, desenvolvemos, inicialmente, uma abordagem teórica à importância da reflexão na prática pedagógica do Educador de Infância, neste caso em particular, do estagiário finalista. Neste contexto, procedemos a uma selecção das reflexões mais significativas desenvolvidas por um grupo de quatro alunas finalistas do curso em Educação de Infância durante a realização do seu estágio profissionalizante.

O educador reflexivo

O desejo de compreender o que acontece à sua volta, leva o ser humano a usar a sua inata capacidade de reflectir. Podemos, assim, entender a prática reflexiva como o questionamento da realidade em que está inserida.

Em Educação de Infância, a reflexão consiste numa acção que leva à reestruturação de práticas educativas para o melhor atendimento e desenvolvimento global da criança.



O ciclo da reflexão-ação (Adaptado de Artrichter et al. (1993, citado em Nunes, 2000))

Durante o percurso formativo das estagiárias finalistas, as conquistas e possíveis problemas que possam surgir, devem ser reflectidos de acordo com a realidade/ambiente educativo em que se inserem, tentando proporcionar aprendizagens significativas para cada elemento do grupo. O portfólio reflexivo vai-se

tornando num «diário pessoal», que acompanha os alunos durante o estágio, ajudando-os a reflectir sobre estratégias, situações, contextos e metodologias.

É através do confronto entre o que pensamos e o que colocamos em prática que ocorrem as reestruturações das práticas pedagógicas do profissional educativo. Com base nessas reflexões, o profissional, em conjunto com os seus colegas, encontra soluções para as questões, tornando-se assim um ser questionador mas simultaneamente um agente activo e implementador de mudança. A reflexão não passa somente pelo «diário pessoal», mas também, pela partilha de angústias, e interrogações que surgem com os parceiros educativos. No estágio final, este facto não só acontece com a supervisora institucional ou educadora cooperante, mas também com colegas estagiárias finalistas, crianças, pais e comunidade em geral.

A construção do portfólio reflexivo serve assim para estimular a prática reflexiva do profissional, contribuindo para uma construção contínua de novos saberes, fazendo com que se alterem ou reestrem possíveis práticas. Para que estas alterações sejam implementadas no dia a dia das crianças, o educador deverá recorrer à observação para melhor conhecimento dos interesses e necessidades da criança e do grupo. Por vezes, o educador não passa de um observador superficial, originando desta forma o registo de dados não viáveis e alterando a informação. Sendo assim, o educador deve ter o cuidado de registar toda a informação pertinente para uma intervenção adequada. Com os dados recolhidos através da observação, o educador, como prático reflexivo, avalia as conquistas e aprendizagens das crianças. Contudo não deve descurar de auto-avaliar-se, assim como avaliar as intenções pedagógicas por ele definidas. É através desta reflexão que o educador vai adequando diariamente as suas práticas tornando-as cada vez mais pertinentes, reestruturando-as periodicamente nas planificações a médio e a longo prazo.

Neste sentido a utilização de portfólios na formação de futuros professores pode vir a constituir «(...) *um exercício continuado e crítico de construção de conhecimento acerca do próprio conhecimento, dos saberes específicos da sua profissionalidade e, sobretudo, sobre si próprios enquanto pessoas em desenvolvimento*» (Sá – Chaves, 2000: p.20).

Com o intuito de enriquecer a sua intervenção educativa, centrando-a no desenvolvimento global e harmonioso da criança, o educador deverá ser um profissional com espírito crítico, reflectindo individual e colectivamente, tendo em conta várias perspectivas – pais, comunidade educativa e meio envolvente.

O papel do supervisor institucional

O profissional reflexivo actua, reflectindo, levantando hipóteses, experimentando e corrigindo através do diálogo que estabelece com a realidade e com os outros. Mas neste processo de desenvolvimento do profissional reflexivo é necessário os futuros profissionais de educação serem ajudados e apoiados, cabendo aos formadores a função de «(...) *ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional*» (Zeichner, 1993: p.17).

O supervisor numa escola reflexiva tem um papel essencialmente formativo. A sua acção deve focalizar-se na permanente interacção entre o pensamento e a acção, procurando ajudar e incentivar os formandos nessa atitude.

Um dos aspectos mais relevantes no cenário reflexivo, apontado por Schön (2000), prende-se, justamente, com o facto de o supervisor dever modelar a sua intervenção às necessidades e potenciais de um aluno específico, com um nível, também ele específico, de desenvolvimento.

O supervisor deve para isso, estabelecer prioridades na sua acção sobre determinados aspectos e não outros. Esta individualização da acção e acompanhamento próximo do supervisor junto do formando, enquadra-se num perfil de formador denominado de «coach» (Schön, citado em Alarcão, 2003), por semelhança com os treinadores desportivos.

Considera-se portanto que a função do supervisor junto dos formandos deve ser a de estimular e apoiar através do confronto com problemas reais; suscitar o levantamento de hipóteses; a experimentação e a verificação, de modo a sistematizarem o conhecimento que emerge da interacção entre a acção e o pensamento.

Através destes níveis diferenciados de interacção do supervisor com o formando, as mudanças que possam advir, fruto do diálogo e do questionamento, podem suscitar o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos.

As práticas reflexivas

Schön (2000) salienta que o diálogo e a dimensão afectiva são duas condições essenciais para um ensino prático reflexivo.

Supervisor e formando devem procurar estabelecer um diálogo de palavras e de acções, até porque quando «*o diálogo funciona bem, ele toma a forma de reflexão-na-acção recíproca*» (Schön, 2000: p. 128).

Dewey, por seu lado, refere que as acções dos professores reflexivos são planeadas de acordo com as finalidades que delinearam, vai permitir saberem quem são, trabalhando assim a sua identidade (citado em Zeichner, 1993). Podemos afirmar que se as práticas reflexivas dos professores tiverem uma intencionalidade, as suas implicações na construção do conhecimento e identidade profissional serão muito mais eficazes.

Ser professor reflexivo significa ser um profissional que reflecte sobre o que é, e o que realiza, o que sabe e o que ainda procura, encontrando-se em permanente atenção às situações e contextos em que interage.

Assim, o educador deve estar atento às diversas culturas dos seus alunos, criando pontes entre a escola e os contextos familiares e sociais.

Os portfólios – que avaliação?

Relativamente a este aspecto importa reflectir sobre o tipo de avaliação que subjaz à elaboração dos portfólios. «(...) *As perspectivas construtivistas da aprendizagem e os enfoques da avaliação mais qualitativos são centrais para o uso dos portfólios.*» (Klemowski, 2004: p.149).

A perspectiva apresentada por este autor, recusa um paradigma de avaliação quantitativo, onde os resultados são preferidos a uma avaliação formativa, que inclui um processo de auto – avaliação e de reconstrução de saberes e aprendizagens do próprio formando, onde o feedback do formador e colegas é significativo para o progresso do aluno (Neves, 2005).

O paradigma conceptual que suporta a utilização dos portfólios está de acordo com as teorias da aprendizagem apresentadas por Dewey (2002), Vygotsky (2000), e Bruner (2000), em que sustenta que a aprendizagem tem como grande suporte a interacção social. Segundo estas teorias o desenvolvimento das capacidades dos indivíduos é promovido através de trocas recíprocas que estabelecemos com os outros e das experiências significativas que suscitam o diálogo, a reflexão e a partilha.

Na sequência dos pressupostos que fundamentam a utilização de portfólios como instrumento formativo e avaliativo do percurso dos alunos, destacamos de seguida, a título de exemplo, alguns excertos de reflexões retiradas

dos portfólios reflexivos que foram sendo construídos, ao longo do estágio profissionalizante, por um grupo de estagiárias finalistas do curso em Educação de Infância. Os registos que aqui se apresentam devem por isso ser entendidos como exemplos de situações particulares, inseridos em determinados contextos, que espelham as características e especificidades de quem os elabora e dos actores envolvidos. Por seu lado, destacam algumas das dimensões essenciais da pedagogia da infância a que um educador de infância deve estar atento.

Mais do que evidenciar progressos ou mudanças, estes registos mostram, claramente, que um profissional de educação deve estar atento, ser um bom observador, ser crítico e analítico da sua intervenção e dos contextos onde interage.

Não é assim, nossa intenção avaliar qualquer prática, nem qualquer realidade educativa, mas sim partilhar a importância e as vantagens da reflexão da acção educativa nos profissionais da educação.

Reflectindo sobre...

A organização e gestão do tempo e das rotinas

«Pela manhã, no acolhimento, a rotina é organizada com o grupo, dando assim a este momento segurança para que as actividades decorram da melhor forma.»

Marta Marques

«A rotina é educativa porque é intencionalmente planeada pelo Educador e porque é do conhecimento das crianças, que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações.

O conhecimento da rotina é, de facto, visível quando as crianças perguntam «Não vamos para as áreas?» ou «Quando vamos para o recreio?»

Cláudia Oliveira

«Na época de Natal, na Páscoa, Dia do Pai e da Mãe, existe sempre a euforia das lembranças que são feitas com dedicação e carinho pelas crianças. São fases de trabalho um pouco complicadas. A realização destas lembranças ocupa grande parte do tempo da rotina do grupo, havendo necessidade de compreensão face ao ritmo de cada uma, existindo a necessidade de as começar a «elaborar» com a devida antecedência.»

Rute Pinho

«Sendo o tempo organizado em função das necessidades das crianças, a meu ver, seria mais proveitoso adequar o acolhimento às suas predisposições.»

Vera Santos

A organização do espaço e dos materiais

«Esta actividade foi interessante tanto para as crianças como para mim, pois tive a oportunidade de perceber melhor as necessidades deste grupo. Foi realçada a necessidade de que o material utilizado, ou a utilizar, pode e deve ser flexível, indo ao encontro das necessidades e interesses das crianças.»

Rute Pinho

«Quando surgiu o projecto da sala, o grupo sentiu a necessidade de criar uma nova área, para tal existiu um momento de reflexão sobre o espaço disponível, pois a sala já se encontrava com pouco espaço (...). No decorrer desta alteração as crianças quiseram ajudar os adultos na organização da área, propondo materiais para a mesma, escolheram as cores da área, entre outros aspectos. As crianças foram construtoras e descobridoras de soluções para a construção de um espaço que elas iriam usufruir no futuro.»

Marta Marques

«A área da biblioteca é, por muitas vezes, solicitada pelo grupo. Para muitas crianças esta área é um espaço agradável onde podem ver livros sozinhas, com os amigos ou com um adulto. É, de facto, uma

área que se encontra bem posicionada na sala, com luz natural, livros de temas variados e com algumas almofadas de apoio à leitura. Nesta área também encontrarmos uma caixa com instrumentos musicais, muito apreciados por todo o grupo.

As crianças gostam de cantar, tocar instrumentos, inventar canções, movimentarem-se ao ritmo da melodia, dançar e ouvir músicas. Faria mais sentido situar esta área junto das áreas mais barulhentas como a da casinha, dos jogos, das construções e, de certa maneira, afastada da área da biblioteca que se entende como um espaço calmo, de alguma concentração, de silêncio, um lugar relaxante e confortável.»

Cláudia Oliveira

«A organização de uma sala demonstra muitas vezes o tipo de trabalho que nela se realiza, ou modelo em que nela se trabalha. Pretendo, assim, que a sala se transforme num espaço onde o conhecimento através da acção seja uma prioridade, que as áreas de interesse contemplem materiais apropriados aos interesses e necessidades e organizados de forma a incentivar a autonomia da criança no processo de escolha, brincadeira e arrumação.»

Vera Santos

A organização do grupo

«A divisão do grupo para a realização da sessão de movimento foi um aspecto que, desde cedo, se considerou importante pôr em prática. Neste caso existe assim uma sessão para o grupo de três anos e outro para o grupo de quatro e cinco anos. A possibilidade de organização do grupo vai proporcionar adequação das actividades de acordo com as características das crianças.»

Cláudia Oliveira

«As crianças, por rotina, antes das refeições e da sesta vão à casa de banho, mas o facto de irem todas ao mesmo tempo não facilita o controlo do adulto no processo da higiene (descarregar a água, lavar as mãos, etc.). As crianças têm sempre a tendência, quando o grupo é

grande, e ainda por cima num espaço pequeno, de brincar e muitas vezes causam conflitos (quem vai primeiro).

Mais tarde, no momento destinado à higiene foi visível a sua evolução. As crianças já não vão todas ao mesmo tempo, apenas duas ou três de cada vez, não causando qualquer distúrbio, facilitando o ritmo da criança.»

Cláudia Oliveira

«As crianças já sabem que a planificação se pode realizar em pequeno e grande grupo. Sabem que nem sempre se pode efectuar da mesma forma, porque a organização do tempo é também fundamental. (...) As próprias crianças sabem que nem sempre é possível trabalharem todas em conjunto, que é necessário dividir tarefas, para que tudo corra da melhor forma, para que todos participem em trabalho de equipa.»

Rute Pinho

«Apesar do grupo ser bastante heterogéneo, as actividades em grande grupo são planificadas de forma a proporcionar momentos de aprendizagem para todas as crianças, como por exemplo, a actividade instrumental em que o grupo de três anos e quatro anos recentes apenas deveria ser capazes de identificar o instrumento através do som enquanto que o grupo de quatro e cinco anos deveria identificar, através do som, o instrumento em falta.»

Cláudia Oliveira

As interacções

«A interacção entre crianças acontece ao longo do dia em variadíssimas situações, desde o chegar de um lápis, o apertar a bata do colega, a hora de arrumar, a partilha de brinquedos, entre outras.

Nestas situações verifico uma grande solidariedade entre todo o grupo, pois ajudam-se mutuamente, criando momentos, por vezes, de diálogo constante.»

Marta Marques

«O fantocheiro é sem dúvida uma peça fundamental na área da biblioteca (...) A contribuição do grupo de crianças na sua construção foi fundamental, já que permitiu que compreendessem a sua utilidade e o seu significado (...) As crianças valorizam o seu trabalho e começam a usufruir deste para momentos de aprendizagem e de interacção.»

Cláudia Oliveira

A observação

«Quanto à amostragem de acontecimentos, utilizei este registo de uma forma quase inconsciente. Fiquei muito contente, quando me apercebi que o estava a pôr em prática era, pois, mais um passo para tentar alcançar a «meta» que estabelecera. (...) Num certo dia, estava eu a escrever um registo de incidentes críticos, sobre um comportamento que observara na Área da Casinha. No momento, consegui fazer o registo fotográfico de vários momentos/etapas do comportamento de duas crianças. Deste modo, apercebi-me de que poderia utilizar um formato de amostragem de acontecimentos, percebendo melhor, como utilizá-lo na prática.»

Rute Pinho

«Trabalhar com um grupo de crianças de 3/4/5 anos requer alguma atenção, daí servir-me de instrumentos de observação para conseguir adequar as propostas de actividades ao grupo, tentando definir competências, em que seja possível a participação de todos. (...) Por vezes, ao alargar as oportunidades educativas, ao favorecer uma aprendizagem cooperada em que a criança se desenvolve e aprende, contribuimos para o desenvolvimento e aprendizagem das outras crianças.»

Cláudia Oliveira

A individualização da aprendizagem

«Pretendo assim durante este próximo período que a criança seja cada vez mais um elemento activo na planificação do seu dia, que seja um ser competente para escolher o caminho por onde vai começar a adquirir todas as competências definidas no plano curricular, tendo em conta a sua idade (...). Pretendo que a criança seja auto-organizadora das suas actividades diárias tendo um leque de experiências abrangentes para o seu conhecimento (...).»

Vera Santos

«Após uma visita ao Planetário com o grupo (...) algumas crianças começaram a colocar uma série de questões: Como são os foguetões? Como se chamam os senhores que andam no foguetão? E o que vestem para poderem andar lá? O interesse surgiu e com ele a necessidade de saber mais (...). O grupo começou logo a ter uma chuva de ideias.»

Marta Marques

«O trabalho de projecto, neste caso, «O Supermercado», é uma forma de ensino e aprendizagem. A partir do momento em que o trabalho de sala tem como base num projecto do agrado do grupo, é possível ao adulto incentivar as crianças a interagirem com pessoas, objectos e com o meio envolvente. (...) Nesta fase, as crianças partilham informações, ideias e experiências que conhecem. O adulto funciona como uma fonte de conselhos e sugestões durante as discussões sobre o projecto, relacionam o que é novo com algo que já conhecem.»

Cláudia Oliveira

«Uma das crianças durante a realização de uma das prendas perguntava: — «Mas porque é que não posso fazer um desenho em vez de pintar um azulejo?»

Olhei para a criança e vi que a vontade desta era fazer um simples desenho e porque não deixá-la fazer? Não terá tanto valor como um azulejo? Eu nem pensei duas vezes e dei prioridade de imediato à vontade desta criança.

Marta Marques

«Por vezes, o facto de falarem constantemente, em certos momentos, poderá ser um comportamento dito «não oportuno». Quando se está a realizar uma actividade e a criança está constantemente a falar fora do contexto, poderemos, em vez de a punir, chamá-la à atenção dizendo-lhe, por exemplo: «Falta só um bocadinho, para terminarmos esta actividade e irmos para o recreio. Quando formos para o recreio, podias contar todas as tuas novidades, pode ser? E assim até te posso contar as minhas! O que achas? Boa ideia?»

Rute Pinho

«Em determinadas fases do desenvolvimento, algumas crianças necessitam de um apoio reforçado dos adultos. Após um período de observação, verifiquei que a criança I, durante o acolhimento, tinha dificuldade na interacção com o grupo, mostrando inibição em partilhar as suas opiniões e novidades. Ficando preocupada com esta, comecei a realizar um trabalho individual.

De forma a conquistar a confiança desta criança comecei a elogiá-la como estratégia inicial, estas estratégias serão reformuladas consoante a evolução da mesma.»

Marta Marques

«Muitas vezes questiono-me... será que só na área da expressão plástica é que se «trabalha»? Na biblioteca a ler um livro fomentando o gosto pela leitura, discriminando imagens e competências linguísticas, ou nos jogos a fazer um puzzle, ou nas construções a seriar blocos não se «trabalha»?»

Vera Santos

A criança construtora de saberes

«(...) realização/construção da Enciclopédia do Mar (...) Várias foram as descobertas, mas uma das mais relevantes foi descobrirmos que a raia tinha fendas branquiais como o tubarão, pois este era «admirado» por todo o grupo. A Criança E disse: «A raia tem fendas branquiais como o tubarão e é prima do tubarão! Não é, Rute?!?!». Com esta afirmação, verifiquei que as crianças sabem, foram descobrindo que existem

várias espécies e que entre «elas», existem espécies com características idênticas que as tornam «primas», como os crustáceos, os moluscos, os mamíferos... várias foram as aprendizagens!»

Rute Pinho

«Todos estes «passos» que se têm dado no Projecto, quer em grupo ou individualmente, assim como o entusiasmo e dedicação que as crianças têm demonstrado, contribuíram positivamente para um melhor desenvolvimento do meu empenho e intervenção. Contribuíram, igualmente, para o desenvolvimento das crianças (...). O facto de gostar da temática que o grupo escolheu para explorar em conjunto e a confiança e incentivos dados pelas crianças, são também factores importantes para o desenvolvimento de todo o Projecto.

Espero que o desenrolar deste trabalho conjunto continue com a mesma dinâmica, para que o desenvolvimento do mesmo, continue a ser gratificante para todos podendo, desta forma, realizar um trabalho importante e enriquecedor para a aquisição de novas aprendizagens que conduzam ao pleno desenvolvimento do grupo, que é o que mais ambiciono.»

Rute Pinho

«A cooperação do grupo na planificação de actividades ou projectos promove a tomada de decisões, proporciona o diálogo e interações, no seio do grupo, quer criança-criança e criança-adulto. Começam a compreender o que se está a passar no momento e a definir estratégias possíveis para pôr em prática. Com a aplicação destas a criança vai aprender a detectar erros e possíveis soluções.»

Cláudia Oliveira

«Esta forma de verbalizar a imaginação das crianças, foi de encontro às leituras, à pesquisa efectuada, verificando-se que a pesquisa tem sido muito importante para este grupo de crianças, já que elas conseguem «interrelacionar» a realidade com o imaginário, contribuindo para a assimilação e a acomodação dos novos conceitos.»

Rute Pinho

«O projecto nasceu de uma visita ao Planetário (...); logo de seguida surgiu um problema: onde e como iríamos procurar as respostas às nos-

sas perguntas? O grupo facilmente encontrou soluções desde pedir aos pais, ir à Internet e ir à mediateca da instituição, organizando-se em pequenos grupos.

Nesta fase o grupo mostrou ter capacidade de organização, perspicácia e criatividade nos meios para atingir as respostas.»

Marta Marques

«A elaboração da teia para o registo das decisões tomadas é uma tarefa importante. Desta forma a criança percebe que tudo o que diz, tem valor e que vai ser útil para a construção do conhecimento do grupo. Sente-se valorizada e é uma forma de a estimular para possíveis diálogos e decisões ou até mesmo discussões.»

Cláudia Oliveira

O envolvimento parental

«As crianças queriam saber como se vestiam os astronautas, e como se chamavam os planetas (...) Uma criança pediu à sua mãe para ajudar a realizar um dossier sobre estas duas questões para que os seus colegas pudessem apreender com o seu livro.»

Marta Marques

«(...) o apoio dos Pais foi importantíssimo, não só para a construção da Enciclopédia, mas também pela atenção dada às crianças, ao trabalho que realiza com os colegas e educadores... Acaba por ser um trabalho rico, divulgando, ao longo do ano lectivo, a realização do Projecto Lúdico.»

Rute Pinho

«A elaboração do projecto com aproveitamento de material reciclável é também uma possibilidade da participação dos pais e comunidade na elaboração/construção do mini – projecto da sala, proporcionando-lhes o conhecimento do trabalho que se realiza e de participarem em algo que é do interesse dos seus filhos.»

Cláudia Oliveira

O trabalho de equipa

«Diariamente são discutidas as acções que os adultos tomam com as crianças para que, em conjunto, se planeiem estratégias de acção e de melhoramento.

Com estas reuniões, aprendi a partilhar, a reflectir sobre o meu trabalho e a ouvir a opinião dos outros membros da equipa usufruindo de um processo de aprendizagem contínua».

Marta Marques

O portfólio e a descoberta de soluções

«No início do segundo semestre comecei a preparar o grupo para ter uma postura ainda mais crítica, uma postura de avaliação face ao que era planificado. Deste modo, comecei a implementar a Assembleia Semanal. (...). As crianças têm vindo a demonstrar um progressivo grau de responsabilidade face à necessidade de planificar a sua rotina, os seus momentos/actividades, assim como um entusiasmo pelo momento da Assembleia. (...) Este é um momento que promove o diálogo/comunicação e desenvolve o vocabulário face a novas palavras/conceitos – como «Dicionário». Promove também a auto e hetero-avaliação, o trabalho em equipa e individual e a linguagem escrita. Neste último aspecto, na folha de registo da Assembleia, as crianças registam, desenhando, aquilo que acharam mais importante e o que pretendem fazer na semana seguinte – planificação.»

Rute Pinho

Considerações finais

Com a construção dos portfólios as estagiárias finalistas chegaram à conclusão que através da sua elaboração constataam a evolução e aprendizagens das crianças e suas próprias conquistas. Com estas, conseguiu-se dar

resposta aos interesses dos grupos e alcançar metas, que sem a elaboração destes não seria possível. O portfólio reflexivo desenvolvido durante o estágio profissionalizante foi, sem dúvida, um «documento» que valorizou todo o trabalho ao longo do ano lectivo, contribuindo para que vão construindo e assumindo uma identidade reflexiva.

As alunas, ao longo do seu percurso, foram fazendo conquistas... ganhando competências pessoais e profissionais que elas evidenciaram da seguinte forma:

«Afinal de contas, todos os grupos são heterogéneos, no entanto, cada um com as suas diferenças específicas.»»Faço um balanço positivo, pois penso que ultrapassei as minhas expectativas.»

«Concluo que o esforço e dedicação valeram a pena e aprendi que um sonho se pode tornar realidade, basta acreditarmos que somos capazes.»

De futuro, penso estar preparada para estar com o grupo sozinha, sem medos e ansiedades, foi uma vitória vencida.»

«O apoio que sempre me foi dado pela supervisora e educadora cooperante, foi muito importante para o meu desenvolvimento pessoal, pois os meus «medos» rapidamente se «absorviam» na palavra «desafio».»

«O adulto funciona como uma fonte de conselhos e sugestões durante as discussões sobre o projecto, relacionam o que é novo com algo que já conhecem.»

«Foi para mim «muito valioso» este estágio final, adorei a forma como fui recebida, acarinhada... a forma como crescemos juntos.»

Acreditamos que este instrumento continuará a servir para melhorar as práticas dos estagiários. O portfólio espelha variadas dimensões da pedagogia; é um instrumento que, não é só a mera descrição de uma intervenção mas uma reflexão que vai sendo progressivamente aferida, construída e melhorada. Permite assim, uma visão diferente e mais profunda da criança, levando a uma intervenção mais ajustada e individualizada.

Referências Bibliográficas

- Bruner, Jerome (2000). *Cultura da Educação*. Lisboa: Edições 70.
- Dewey, John (2002). *A Escola e a Sociedade, a Criança e o Currículo*. Lisboa: Relógio d'Água Editores
- Klenowski, Valentina (2004). *Desarrollo de Portafolios Para el Aprendizaje y la Evaluación*. Madrid: Narcea Ediciones.
- Neves, Ivone (2005). *O desenvolvimento de competências práticas no contexto teórico do profissional reflexivo – um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado, na área de especialização em Educação Multicultural e Envolvimento Parental. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança.
- Nunes, Jorge, (2000). *O professor e a acção reflexiva: portfólios, «vês» «heurísticos e mapas de conceitos como estratégias de desenvolvimento profissional*. Porto: Ed. Asa.
- Pinheiro, Ana. e Silva, Bento D. d. (2005). Análise das plataformas e-learning em uso nas instituições do ensino superior em Portugal. In P. Dias & C. V. d. Freitas (Org.). *Challenges 2005*. (319-341) Braga: Centro de Competências do Nónio Século XXI da Universidade do Minho. [versão electrónica]
- Sá-Chaves, Idália (2000). *Portfólios Reflexivos: estratégia de formação e de supervisão*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Schön, Donald A. (2000). *Educando o Profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Vygotsky, Lev S. (2000). *El desarrollo de los procesos psicológicos superiores*. Barcelona: Crítica.
- Zeichner, Kenneth M. (1993). *A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa.

Teses de Doutoramento

Título: Formação em Contexto: Um Estudo de Caso no Âmbito da Pedagogia da Infância

Autora: Maria Clara de Faria Guedes Vaz Craveiro

Defesa da tese: Outubro 2007

Local: Universidade do Minho/I. E. C.

Orientadora: Professora Doutora Júlia Oliveira-Formosinho

Resumo: Esta investigação procura elucidar o processo que foi levado a cabo de desenvolvimento profissional de um grupo de educadores de infância inserido no desenvolvimento organizacional do contexto de trabalho, tendo em vista a finalidade de promover a qualidade da educação das crianças. Neste quadro, a investigação possibilitou identificar a pedagogia da infância como elemento central a ser considerado na formação em contexto dos educadores de infância experientes, bem como, de alunas de formação inicial em circunstância de supervisão da prática pedagógica. A investigação possibilitou, ainda, identificar a pedagogia da infância como elemento de sustentabilidade dos processos de mudança. A pesquisa, também, permitiu confirmar a importância da utilização de instrumentos de avaliação e desenvolvimento da qualidade como ponto de partida, monitorização e chegada das mudanças e da transformação das práticas.

Teses de Mestrado

Título: O Desenvolvimento de Competências Práticas no Contexto Teórico do Profissional Reflexivo – Um Estudo de Caso

Autora: Maria Ivone Couto Monforte das Neves Almeida

Defesa da tese: Novembro 2006

Local: Universidade do Minho/I. E. C.

Orientadora: Professora Doutora Júlia Oliveira-Formosinho

Resumo: Esta investigação é um estudo de caso que decorreu em duas instituições de educação de infância, na linha da investigação – acção, junto de um grupo de seis alunas finalistas da licenciatura em Educação de Infância a realizar o seu estágio profissionalizante.

Este estudo teve como objectivos: – descobrir como evoluem as competências práticas das alunas finalistas, ao longo do estágio profissionalizante e -perceber de que forma as competências práticas, reveladas pelas alunas finalistas, se enquadram no referencial teórico do profissional reflexivo. Através de uma dinâmica entre a teoria e a prática, a investigadora procurou desencadear uma permanente reflexão sobre as práticas, integrando momentos de formação profissional e pessoal, com momentos de interrogação sobre as concepções teóricas assumidas pelas alunas.

Projectos de Pós-Graduação

Título: A (in)disciplina na sala de aula: a perspectiva dos professores de diferentes áreas disciplinares

Autor: Alice do Carmo Óca Correia

Orientador: Maria Isabel Cunha

Palavras-chave: (in)disciplina: Indisciplina na sala de aula

Resumo: Neste estudo, através da análise dos resultados a que houve acesso, concluiu-se que os professores vivenciam episódios de alguma conturbação do espaço da aula, nas escolas analisadas, e que a questão da indisciplina na sala de aula e nas nossas escolas é um assunto complexo, que requer a determinação de todos, para construir o equilíbrio necessário na relação entre professores e alunos e destes com a escola e a aprendizagem.

Título: O efeito da terapia psicomotora no esquema corporal da criança

Autor: Ana David Macedo

Orientador: Rosa Maria Lima

Palavras-chave: terapia psicomotora; ensino pré-escolar e básico

Resumo: Este estudo realça a criação de um espaço para Psicomotricidade quer no Ensino Pré-Escolar quer no primeiro ciclo do Ensino Básico.

Título: Práticas pedagógicas dos professores do 1º ciclo do ensino básico face a crianças com hiperactividade

Autor: Ana Isabel Gonçalves dos Reis

Orientador: Maria Isabel Cunha

Palavras-chave: Hiperactividade; Educação inclusiva; DHDA

Resumo: Este estudo debruça-se sobre as práticas pedagógicas e a sua influência no desempenho escolar da criança hiperactiva.

Título: A Discalculia numa escola inclusiva – actividades de intervenção.

Autor: Ana Maria Azevedo Neves

Orientador: Helena Serra

Palavras-chave: Discalculia; Discalcúlicos

Resumo: Neste estudo conclui-se que a melhor maneira de atender um aluno com Dificuldades de Aprendizagem, em particular o aluno com discalculia, é na sala de aula, com uma diferenciação curricular que atenda às suas características e necessidades.

Título: Relações de sociabilidade entre adolescentes com NEE e seus pares

Autor: Célia Carlota Rodrigues Pereira Marques Ribeiro

Orientador: Maria Isabel Cunha

Palavras-chave: Relações de sociabilidade; NEE

Resumo: Este estudo debruça-se sobre a forma de implementar e fortalecer verdadeiras relações de sociabilidade entre adolescentes com NEE e os seus pares, enriquecendo-se, assim, a personalidade e a vida de cada um e de todos.

Título: Perspectivas dos professores face à inclusão da criança com paralisia cerebral

Autor: Célia Cristina Oliveira Santos Cerqueira Alves

Orientador: Maria dos Reis

Palavras-chave: Paralisia cerebral; Inclusão

Resumo: Neste estudo concluiu-se que um trabalho conjunto da equipa multidisciplinar e da família, o mais precocemente possível, potencia as capacidades emergentes na criança com paralisia cerebral, melhorando a sua qualidade de vida.

Título: DHDA: uma proposta de intervenção

Autor: Celina Martins Nobre

Orientador: Maria Isabel Cunha

Palavras-chave: DHDA; Distúrbio hiperactivo; Défice de atenção

Resumo: Este estudo debruça-se sobre as modificações/adaptações das escolas face às crianças com distúrbio hiperactivo e de défice de atenção.

Título: A inclusão de uma criança com síndrome do X frágil – um estudo de caso

Autor: Fernanda Maria Fernandes Cunha

Orientador: Maria dos Reis

Palavras-chave: Síndrome do X frágil; X frágil

Resumo: Neste estudo conclui-se que há indícios claros de que a escola tenta, tanto quanto lhe é possível, responder às necessidades específicas da criança estudada, adaptando-se às novas circunstâncias em prol da felicidade e do sucesso do aluno em questão.

Título: Hiperactividade: que resposta educativa?

Autor: Helena Luísa Machado Teixeira de Sousa

Orientador: Maria Isabel Cunha

Palavras-chave: Hiperactividade; actividade docente

Resumo: Este estudo debruça-se sobre comportamentos com DHDA que implicam que os professores tenham um conhecimento aprofundado da especificidade da problemática

Título: Atendimento escolar da criança hiperactiva

Autor: Isabel Maria da Cunha Mota Neves

Orientador: Maria Isabel Cunha

Palavras-chave: Criança Hiperactiva ; DHDA; Hiperactividade

Resumo: Neste estudo conclui-se que embora se considere importante que se conheçam as causas que estão na génese da hiperactividade de forma a tornar o diagnóstico mais preciso e rigoroso e até para possibilitar a adopção de medidas preventivas, julga-se que os agentes educativos, não deveriam preocupar-se excessivamente com as causas, uma vez que, como se verifica, são ainda muito pouco precisas e de difícil determina-

ção. Devem-se antes debruçar, com todo o rigor, na redução do impacto que esta desordem implica na vida das crianças.

Título: A hiperactividade em contexto escolar

Autor: Isabel Sofia Braga de Melo e Castro

Orientador: Maria Isabel Cunha

Palavras-chave: Hiperactividade; Hiperactividade em contexto escolar

Resumo: Este trabalho de investigação assume-se como um esforço de aprofundamento de um grave problema actual: a hiperactividade em contexto escolar.

Título: A importância da formação dos professores para a inclusão da criança com deficiência mental no ensino regular

Autor: Maria da Conceição Marcos Guerra

Orientador: Carlos Afonso

Palavras-chave: Formação dos professores; Inclusão; Deficiência mental

Resumo: Neste estudo clarificam-se alguns conceitos sobre Deficiência Mental, Inclusão e Formação de Professores e questiona-se a realidade das escolas, no plano da inclusão

Título: Avaliação da produção e do conhecimento fonológico – provas e subprovas para a determinação de um perfil

Autor: Maria Goreti da Silva Torres

Orientador: Rosa Lima

Palavras-chave: Avaliação da produção e do conhecimento fonológico; Produção e conhecimento fonológico

Resumo: Este trabalho teve por principal intuito dar a conhecer duas das três partes fundamentais que compõem um instrumento de avaliação das capacidades linguísticas das crianças com vista à promoção de actividades direccionadas para o desenvolvimento destas capacidades na criança.

Título: Importância dos currículos funcionais na transição para a vida activa dos jovens com trissomia 21

Autor: Maria José Vale Pires

Orientador: Carlos Afonso

Palavras-Chave: Transição para a vida activa; Trissomia 21; Currículos funcionais

Resumo: Com este estudo foi possível aprofundar o conhecimento sobre a criança com Trissomia 21, com o objectivo de compreender as suas necessidades, de forma a planificar, intervir e avaliar, de acordo com as suas características e com as suas expectativas relativamente ao futuro.

Título: Contributo da neuróbica para o processo de desenvolvimento e aprendizagem em contexto escolar

Autor: Mónica Alexandra Fernandes de Almeida Pinho

Orientador: Rosa Maria Lima

Palavras-chave: Neuróbica; Exercitação cerebral

Resumo: Neste projecto é apresentada uma proposta de utilização do programa de Neuróbica, de Lawrence C. Katz (2003) em contexto escolar.

Título: Avaliação fonológica infantil. Provas e subprovas para a determinação de um perfil

Autor: Mónica Isabel Monteiro Queiroz

Orientador: Rosa Maria Lima

Palavras-chave: Avaliação fonológica infantil; Conhecimento fonológico

Resumo: Este estudo realça a importância do conhecimento e análise dos desvios à norma da língua padrão, diagnosticados nos alunos

Título: A expressão plástica como estratégia de despiste e orientação vocacional de um aluno portador de paralisia cerebral

Autor: Patrícia Susana Gomes Guedes

Orientador: Maria dos Reis

Palavras-chave: Paralisia cerebral; Formação vocacional; Expressão plástica

Resumo: Neste estudo comprova-se que o encaminhamento para uma formação profissional na área vocacional das Expressões Plásticas potencia a realização do aluno com paralisia cerebral.

Título: As representações sociais dos professores face à integração de alunos com trissomia 21 – As diferenças entre o 1.º e o 2.º ciclo do ensino básico

Autor: Pedro Miguel da Silva Marques

Orientador: Carlos Afonso

Palavras-chave: Representações sociais dos professores ; Alunos com trissomia 21

Resumo: O presente estudo tem como objectivo compreender as diferenças entre o 1.º e o 2.º Ciclo do Ensino Básico nas representações sociais dos professores face à integração de alunos com trissomia 21.

Título: A sobredotação e a inteligência emocional

Autor: Rute Clara Pacheco Bastos Fernandes

Orientador: Helena Serra

Palavras-chave: Sobredotação; Crianças Sobredotadas

Resumo: Este estudo debruça-se sobre a sobredotação, problemática complexa que tem vindo a levantar bastante interesse na actualidade, mas também muitas incertezas, questões e discordância de convicções.

Título: A atitude da Escola face às dificuldades de aprendizagem

Autor: Sandra Maria Ferreira Gomes

Orientador: Helena Serra

Palavras-chave: Escola; Dificuldades de aprendizagem

Resumo: Este estudo aponta para as dificuldades de aprendizagem no sentido de serem objecto de intervenção da Educação Especial.

Título: Da problemática da dislexia às perspectivas dos professores do ensino regular

Autor: Sónia Paula Ventura Teixeira

Orientador: Helena Serra

Palavras-chave: Dislexia; dificuldades específicas de aprendizagem

Resumo: Neste estudo aborda-se a questão da adequação da resposta educativa junto das crianças com dificuldades específicas de aprendizagem.

Título: Síndrome Alcoólico Fetal: Em que medida a tipologia com crianças com SAF se acentua na ausência de estimulação em tempo útil

Autor: Tânia Catarina Gomes Pinto de Brito

Orientador: Maria dos Reis

Palavras-chave: Síndrome Alcoólico Fetal; Mulheres Alcoólicas

Resumo: Este estudo debruça-se sobre o Síndrome Alcoólico Fetal que se torna cada vez mais importante dado que a taxa de mulheres alcoólicas em Portugal é elevada, e cada vez mais surgem crianças com esta patologia.

Título: Potencialização de Interação entre alunos com deficiência mental e sobredotação

Autor: Zélia Maria Monteiro Gonçalves

Orientador: Ana Maria Paula

Palavras-chave: Deficiência Mental; Sobredotação

Resumo: Neste estudo conclui-se que atendendo às características da situação de risco em que vivem grande parte das crianças do nosso país é urgente não só o alargamento da rede pública do Ministério da Educação, mas também a criação de programas compensatórios de qualidade, de forma a que as crianças em desvantagem não venham a ser futuros *clientes* do insucesso escolar.